

REDAÇÃO: EXEMPLOS DE TEXTOS

Texto 1 – Acima da Média

O trabalho que vem sendo realizado pela professora Márcia Moraes, coordenadora da Oficina de Experimentação Corporal merece destaque pelo pioneirismo e caráter humanitário. Em entrevista ao site da escola, ela elucidou e forneceu informações sobre sua atividade.

Diretor: Inicialmente, gostaria que explicasse no que consiste seu trabalho e o que possibilitou sua concretização.

Dra. Márcia: A Oficina de Experimentação Corporal é um dos núcleos do IBC (Instituto Benjamin Constant). Nosso trabalho procura auxiliar portadores de deficiência visual, através da ampliação das formas como estas interagem com o mundo a sua volta. Para que esse trabalho pudesse ser concretizado foi imprescindível o apoio da FAPERJ (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) e a parceria com a Universidade Federal Fluminense.

Diretor: Como seu trabalho influencia na vida dos portadores de limitações visuais?

Dra. Márcia: – O trabalho realizado com a percepção corporal, a movimentação e localização e percepção espacial tem como finalidade contribuir para uma maior autonomia e independência do grupo na sua vida social.

Diretor: Já existem resultados positivos?

Dra. Márcia: Sim, os exemplos bem-sucedidos tem sido muitos. Posso citar o caso da Camila, portadora de deficiência visual, que através da participação na oficina conseguiu manter uma vida mais autônoma, e atualmente, é integrante da minha equipe.

Texto 1 – Abaixo da Média

Pergunta: Como surgiu a ideia de criar a Oficina de Experimentação Corporal?

Resposta: Tudo começou quando percebemos que muitas pessoas com deficiência visual não tinham estrutura em ambientes profissionais, educacionais ou até mesmo públicos e com isso não tinham uma vida confortável. Não podemos estruturar esses lugares, porém podemos ajudar pessoas com deficiência visual a driblarem problemas.

Pergunta: Qual o principal objetivo da Oficina?

Resposta: Queremos conseguir proporcionar uma vida mais fácil e independente para os cegos. Percebemos que muitas dessas pessoas possuem ambições e metas grandiosas na vida, porém dependem sempre de outra pessoa que a ajude e nem sempre isso é possível. Queremos que pessoas com deficiência visual encarem a perda de visão como um novo começo e não como um fim.

Pergunta: E que tipo de atividades vocês realizam na Oficina?

Resposta: Realizamos atividades que permitam a pessoa a enxergar sem utilizar os olhos. Então realizamos atividades que aprimorem noção de espaço e o sentido do tato

Texto 2 – Acima da Média

Campinas, 13 de maio de 2010

Caro Artur

Ao ler sua crônica “Olho de menino triste” entendi um pouco o que as pessoas sentiam ao olhar para mim, e porque algumas delas sentiam pena e até uma certa empatia enquanto outras me ignoravam.

Nunca fui extrovertido. E isso sempre atrapalhou muito minha vida social. Logo que entrei na escola as pessoas começaram a reparar que eu não me enturmava e minha professora, preocupada como sua M-1 (moça 1), chegou a chamar minha mãe para conversar. Ela ficou tão preocupada que passou a me perguntar diariamente sobre minhas amizades, o que me parecia mais uma cobrança. Acredito que como o senhor disse, eu era mais sensível que os outros meninos e por destoar do resto era pouco compreendido.

Encontrei ao longo da minha vida muitas moças 2 e poucas moças 1, como minha primeira professora. Mas foram estas, as M-1 que deixaram meus olhos menos tristes. Espero que o seu menino de olho triste encontre mais moças 1 que eu, e que, assim como o senhor escreveu, a escola o entenda, pois eu sei que a sensibilidade que “modelam seus rostos, olhos, e mensagens corporais silenciosas” não deve ser reprimida e sim trabalhada.

Hoje me considero um ator bem-sucedido, e tenho certeza que essa característica foi primordial para esse sucesso. Espero que o senhor e a M-1 sintam-se menos culposos diante de um olho de menino triste. Obrigada pela atenção, LEJ.

Texto 2 – Abaixo da Média

São Paulo, 15 de maio de 2010

Caro Artur da Távola

Recentemente, estive relembando meu passado e me deparei com uma triste realidade. Eu era uma criança triste, indefesa e excluída em minha infância. Talvez porque eu morava na favela ou até mesmo devido minha raça negra. Hoje sou psicólogo e penso que juntos poderíamos tentar combater o avanço do bullying nas escolas, o senhor não acha?

Desde o meu primeiro ano escolar sofro com o bullying, as crianças brincavam no intervalo, eram recheadas de amizade e alegria e eu sempre esquecido, de canto, apanhava, era xingado, meus olhos tristes se enchiam de lágrimas quando eu me encontrava no vazio.

Não havia nada na escola que me motivasse a estudar, a inspetora de alunos nem se quer sabia o meu nome, me olhava sempre com desprezo, porque eu não me enturmava, mas o problema não era eu, entende?

Talvez o bullying que eu sofria era uma que os alunos encontraram de repassar o que sofriam em suas casa, não é mesmo? A agressividade, as palavras pesadas podem ser frutos de uma família desequilibrada, concorda?

Gostaria que o senhor tomasse um posicionamento como escritor e divulgasse nos jornais da cidade meus projetos de conscientização, perante à família, escola e amigos. Desde já agradeço sua compreensão.

Atenciosamente

N.E.G.O.

Texto 3 – Acima da Média

“E-lixo”: crescimento e problemas

Atualmente, verifica-se, não apenas no Brasil como em todo mundo, um crescimento generalizado do chamado “e-lixo”. São chips e fios, pilhas e baterias, lâmpadas, celulares e rádios, CD’s, computadores e televisores. Tais equipamentos e aparelhos, compostos em boa parte por substâncias tóxicas (metais pesados, essencialmente) normalmente são tratados como lixo comum, sendo atirados aos montes em lixões e aterros sanitários, fato extremamente danoso ao meio ambiente – já que ocorre contaminação dos solos, lençóis freáticos e ar – e à saúde humana. Essas consequências, oriundas do acúmulo desses elementos em locais inadequados a seu tratamento, têm causado crescente preocupação das autoridades em geral e de organizações ligadas à conservação ambiental, que têm procurado meios de conter os problemas daí surgidos.

Ora, a solução mais eficiente e óbvia para evitar maiores transtornos com o lixo eletrônico é a sua coleta seletiva para reciclagem, como ocorre com outros materiais. Aí reside o problema mais difícil de ser solucionado. A reciclagem não faz parte de nossa cultura. Poucos estão acostumados a ela. Por quê? Por falta de informação, por preguiça, pelo custo de latas de lixo com tal fim... os motivos são muitos e diversos. Deles, no entanto, percebe-se qual seria, talvez, o modo de iniciar o bom tratamento do “e-lixo”: conscientizar melhor a população acerca do problema, apontando riscos e formas de atuação. E incentivá-la mais, também, a reciclar outros materiais (vidro, alumínio, papel, plástico, restos orgânicos). Seria, como diz a sabedoria popular, “matar dois coelhos com uma cajadada só”. E, mais que isso: seria benéfico ao planeta, ao ambiente e, como consequência, a todos nós.

Texto 3 – Abaixo da Média

Os perigos do “E-lixo”

O “e-lixo” ou lixo eletrônico e cada vez mais encontrado no lixo comum e é enormemente prejudicial ao meio ambiente, principalmente se descartado de maneira irregular, o despejo desses componentes eletrônicos libera no solo grandes quantidades de metais pesados presentes nas suas composições que são um perigo pois contamina diretamente o solo e os mananciais de água das quais muitas vezes utilizamos para os mais diversos meios desde do consumo a irrigação e mais também causa danos a fauna e a flora.

Um das maneiras de evitar isso e incentivando a criação de cooperativas específicas do “E-lixo” consequentemente acabando com o despejo inadequado deste lixo tão perigoso e mais ainda beneficiaria a geração de renda e principalmente retirando esse problema do mundo que temos que cuidar e preservar tão bem.